

DA DICOTOMIA METAFÓRICO/LITERAL: REPENSANDO A QUESTÃO DA PRIMAZIA

Alessandro Zir*

Resumo: Neste artigo, procuramos repensar a dicotomia metafórico/literal tentando, ao mesmo tempo, relativizá-la e apontar para a impossibilidade, pelo menos em certo sentido, da sua superação. Para tanto, valemo-nos de algumas reflexões importantes já avançadas ao longo da história do pensamento ocidental, dando uma ênfase particular às colocações feitas sobre esse tema por Jacques Derrida. Afirmaremos, enfim, que a busca por um sentido mais original ou fundamental a que a linguagem deveria, em última instância, remeter, implica sempre, paradoxalmente, na produção de novos sentidos cuja prolixidade não é possível deter. Essa prolixidade, por sua vez, só se manifesta enquanto proposição de um novo começo – de um dizer que se instaura concretamente.

Palavras-chave: metáfora; referência; circularidade; sentido.

1 INTRODUÇÃO

No momento em que escrevemos esse pequeno texto, estamos convencidos de que uma reflexão sobre a metáfora, incluindo o próprio questionamento da dicotomia metafórico/literal, por mais que se apresente sob a máscara da inovação, do rompimento com a tradição, não pode fazer senão ecoar uma certa preocupação a respeito da linguagem que nos acompanha já há muito tempo no Ocidente, desde uma época tão antiga quanto o é a filosofia de Platão ^{3/4} preocupação que diz respeito ao estabelecimento ou à crítica de categorias a partir das quais podem ser ou são avaliados, enquanto verdadeiros ou não verdadeiros, reais ou não reais, e até coerentes ou incoerentes, úteis ou inúteis, diversos tipos de discursos. Como todos aqueles que escreveram sobre o assunto,

* Bacharel em Filosofia e Comunicação Social. Mestre em Psicologia Social e Institucional. Membro do Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências, do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da UFRGS. E-mail: azir@zaz.com.br.

somos tomados pelo desejo de abolir a tensão imanente à dicotomia metafórico/literal, a fim de privilegiar um dos seus pólos, seja através de uma desqualificação do metafórico diante do literal, seja através da afirmação só aparentemente iconoclasta de que no fundo tudo é metáfora. Por outro lado, resta-nos um pouco de fôlego para suspeitar que o mais importante, o pulo do gato, consistiria em manter viva essa tensão imanente que desafia qualquer concepção normatizadora da linguagem, remetendo à distinção metafórico/literal (conforme veremos no final do nosso texto) a uma superabundância, a uma selvageria irreduzível das palavras, que se manifesta sempre no dizer concreto de alguma coisa.

Para começar, vamos tentar estabelecer um certo panorama. Platão fazia um uso abundante de alegorias, analogias, metáforas em seus diálogos e tinha, conforme veremos a seguir, bastante consciência daquilo que se poderia chamar de um caráter metafórico da linguagem ou dos discursos. Mas é Aristóteles quem, em sua *Retórica* e também na *Poética*, trata do assunto de forma mais didática, fornecendo algumas definições, como a seguinte: “A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra...” (*Poética*, 1457b 6). Dessa forma, Aristóteles teria dado início à tradição que concebe a metáfora como um uso desviante da linguagem por contraposição ao que seria o seu uso normal $\frac{3}{4}$ concepção que está presente no nosso sentido comum. Muitos autores se voltaram contra essa concepção dita aristotélica. Eles afirmam, contra ela, que a metáfora não é algo especial ou excepcional, algo ornamental, que se acrescenta aos discursos, mas antes algo vital $\frac{3}{4}$ seria a metáfora que estaria na origem e no fundamento da linguagem e, ao contrário do que nos diz o senso comum, ela teria *primazia* sobre o literal.

2 CONTRA A TRADIÇÃO: OS ICONOCLASTAS VICO, NIETZSCHE E RICHARDS

Giambattista Vico é talvez o primeiro filósofo a atribuir um caráter metafórico à linguagem em geral, e inclusive às próprias coisas expressas na linguagem, as quais seriam criadas a partir de relações estabelecidas pelo homem. Na *Ciência Nova* [1725], ele afirma que o mundo de uma dada nação é instaurado através de uma atividade criativa na qual os homens transferem características suas para as coisas — e defende uma “metafísica fantástica”, segundo a qual “*homo non*

intelligendo fit omnia". Diferentemente de Deus, sem ter acesso ao que as coisas seriam em si mesmas, o homem faz todas as coisas "de si", "transformando a si mesmo" e tornando-se elas. No parágrafo 376 ainda da *Ciência Nova*, por exemplo, Vico diz o seguinte:

[...] os primeiros homens das nações pagãs, como crianças do gênero humano que então nascia [...], da sua idéia criavam as coisas, mas de uma forma infinitamente diferente de como Deus cria: pois Deus, no seu entendimento puríssimo, conhece e, conhecendo, cria as coisas; os homens das nações pagãs, pela sua robusta ignorância, criavam as coisas por força de uma corpulentíssima fantasia, e porque essa era corpulentíssima, eles faziam isso com uma sublimidade maravilhosa, que perturbava em excesso esses mesmos que fingindo se criavam, e por isso foram denominados 'poetas', que em grego quer dizer 'criador'.¹

No parágrafo 405, lemos:

Porque assim como a metafísica raciocinada ensina que '*homo intelligendo fit omnia*', essa metafísica fantástica demonstra que '*homo non intelligendo fit omnia*'; e essa tem sem dúvida bem mais verdade do que aquela, porque o homem ao entender estende a sua mente e compreende as coisas, mas ao não entender ele de si mesmo faz as coisas, e transformando-se, torna-se elas.²

Se Vico é o primeiro filósofo a propor uma tese da primazia da metáfora, Friedrich Nietzsche parece ser o filósofo mais freqüentemente apontado como o defensor por excelência dessa tese. Em *Verdade e mentira em sentido extramoral* [1873], ele afirma o seguinte: "A 'coisa em si' [...] permanece

¹ "[...] i primi uomini delle nazioni gentili, come fanciulli del nascente gener umano[...] dalla lor idea criavan esse le cose, ma com infinita differenza però dacriare che fa Iddio: perocché Iddio, nel suo purissimo intendimento, conosce e, conoscendole, cria le cose; essi, per la loro robusta ignoranza, il facevano in forza d'uma corpulentissima fantasia, e, perch'era corpulentissima, il facevano com una maravigliosa sublimità, tal e tanta che perturbava all'eccesso essi medesimi che fingendo le si creavano, onde furon detti 'poeti', che lo stesso in greco suona che 'criatori'." As traduções presentes neste artigo, são todas do autor.

² "Perché come la metafisica ragionata insegna che '*homo intelligendo fit omnia*', così questa metafisica fantasticata dimonstra che '*homo non intelligendo fit omnia*'; e forse com più di verità questo che quello, perché l'uomo com l'intendere spiega la sua mente e comprende esse cose, ma col non intendere egli di sé fa esse cose e, col transformandovisi, lo diventa".

inteiramente inacessível mesmo para o criador de uma língua [...]. Ele designa unicamente as relações das coisas com os homens e, para as exprimir, faz uso das metáforas mais temerárias” (NIETZSCHE, 1999, p. 13).³ Mesmo aquele que primeiro cria um determinado termo, com ele não designa uma coisa em si mesma, mas relações estabelecidas entre os homens e as coisas. Essas relações são transposições, pois entre sujeito e objeto não pode haver algo mais que alusões estéticas, transportes e traduções criativas:

[...] entre duas esferas absolutamente diferentes, como o sujeito e o objeto, não há nenhuma causalidade, nenhuma expressão, mas quanto muito uma relação estética, quero dizer, a tradução balbuciante, numa língua completamente estrangeira: o que torna necessário, em todo o caso, a mediação de uma esfera e de uma força de livre poesia, de livre invenção. (NIETZSCHE, 1999, p. 22)⁴

Segundo François Warin e Philippe Cardinali, em seu comentário ao texto nietzschiano, à “sutura simbólica” que Aristóteles estabelecia entre as afecções da alma, os sons e as palavras no *De Interpretatione*, Nietzsche opõe uma “ruptura diabólica”:

A essa sutura simbólica, Nietzsche opõe uma ruptura diabólica (*diabalein* quer dizer dividir, separar), aquela que cava uma distância entre as coisas e a excitação sensorial, por um lado - primeira transposição, primeira metáfora ³/₄, e entre a excitação sensorial e a palavra, por outro lado - segunda metáfora. A linguagem é então uma transposição de uma transposição perceptiva, uma transposição de segundo grau entre ‘esferas’ totalmente heterogêneas. Assim, nenhuma presença precede a representação. (NIETZSCHE, 1999, p. 76-7)⁵

³ La ‘chose en soi’ [...] reste entièrement insaisissable même pour le créateur de langue [...]. Il désigne uniquement les relations des choses aux hommes et pour les exprimer il en appelle aux métaphores les plus téméraires”.

⁴ [...] entre deux sphères absolument différentes, comme le sujet et l’objet, il n’y a aucune causalité, aucune conformité, aucune expression, mais tout au plus un *rapport esthétique*, je veux dire l’esquisse d’une transposition, la traduction balbutiante dans une langue complètement étrangère: ce qui nécessiterait en tout cas la médiation d’une sphère et d’une force de libre poésie, de libre invention”.

⁵ A cette suture symbolique, Nietzsche oppose une rupture diabolique (*diabalein*, c’est diviser, séparer), celle qui creuse l’écart entre les choses et l’excitation sensorielle, d’une part — premier transport, première métaphore —, et entre le excitation sensorielle et le mot, d’autre part — deuxième métaphore. Le langage est donc une transposition d’une transposition perceptiva, une transposicion au second degré entre ‘sphères’ totalement hétérogènes. Ainsi aucune présence ne précède la représentation.

Parece assim, segundo essas perspectivas de Vico e de Nietzsche, que a gênese metafórica da linguagem atinge até mesmo as próprias coisas por ela ‘designadas’, isto é, pode-se dizer que não apenas a linguagem é metafórica, mas também que as próprias coisas (pelo menos enquanto percebidas por nós) o são. Outro importante estudioso da metáfora, agora já no século XX, o crítico literário inglês Anthony Richards, em seu artigo “Perspectivas filosóficas sobre a metáfora” [1936] (que inaugura toda uma reflexão contemporânea sobre o assunto, influenciando autores como Black e conseqüentemente Ricoeur), afirma que “nosso mundo é um mundo projetado, germinado por (*shot through*) caracteres tomados de empréstimo de nossa própria vida” — e conclui: os processos metafóricos da linguagem são impostos sobre um mundo percebido que é ele mesmo produto de outras “metáforas anteriores ou inadvertidas” (RICHARDS, 1981, p. 60).

Extrapolando essas considerações de Vico, de Nietzsche e de Richards, poderíamos no mínimo problematizar a noção de designação própria de algo existente independente e por si. Até mesmo o referente lingüístico parece já ser modificado, deslocado, relacional. Mas não é estranho que essas conclusões, desses autores tidos como iconoclastas, em muito se assemelhem àquelas que podemos inferir de um texto de um período bem mais antigo da história do pensamento ocidental, problematicamente atribuído a Platão — a *Carta VII*? Já não estaria nessa carta, do pai da Filosofia, com uma clareza menos desgastada, muito do que alegam esses autores? É por estranhezas como essas que dizíamos, na abertura desse artigo, que estamos convencidos de que uma reflexão sobre a metáfora e um questionamento da dicotomia metafórico/literal, por mais que se apresente sob a máscara da inovação, não pode fazer senão ecoar uma certa preocupação a respeito da linguagem que nos acompanha já há muito tempo no Ocidente. Preocupação que diz respeito à avaliação dos discursos, à avaliação do que se propõe um dizer por contraposição a outros dizeres.

2.1 A *Carta VII*

Numa disposição de espírito que nos lembra a terceira parte do diálogo *Fedro*, o autor dessa carta declara que não existe e jamais existirá qualquer tratado seu a respeito dos assuntos que ele seriamente estuda. Esses assuntos não podem ser expressos verbalmente, mas, como resultado de uma contínua aplicação e convivência, nascem subitamente na alma “como de uma fagulha nasce a luz” (341c).

Em seguida, ele considera que, para cada objeto, existem três meios necessários a partir dos quais ele é conhecido: o nome (*onoma*), a definição (*logos*) e a imagem (*eidôlon*). O conhecimento enquanto tal é uma quarta coisa — e o objeto mesmo, enquanto verdadeiramente cognoscível e real, uma quinta coisa.

Em 342b, o autor nos propõe um exemplo. ‘Círculo’ é o nome de um objeto. ‘Aquilo cujos extremos equidistam perfeitamente do centro’ é a sua definição. Um desenho destrutível de círculo é a sua imagem. O círculo em si, o qual seria referido através desses três modos, não tem nada de semelhante a eles e é algo totalmente distinto. O conhecimento do círculo igualmente é outra coisa, não residindo nem nos sons proferidos e nem nas figuras desenhadas, mas na alma, distinguindo-se tanto do nome, da definição e da imagem quanto do círculo em si.

O círculo real tem de ser distinto da imagem do círculo, porque ela está cheia de outros elementos que não são o próprio círculo: seu desenho é limitado por uma linha semelhante à linha reta (podem ser traçadas tangentes sobre ele, além do que, a linha que o limita é feita de pontos) (343a).

O círculo real é distinto do seu nome, pois não há garantia de que não venha a ser chamado de qualquer outra coisa (343b).

O círculo real é diferente da sua definição, porque todas as definições são formadas de nomes e verbos, remetendo para outras coisas que não são o círculo ele mesmo, e nessa medida também são incertas (343b).

Segundo o autor da carta, a alma busca o conhecimento da essência e não da qualidade das coisas, e nunca pode ser satisfeita com essas formas de aproximação do objeto, essencialmente defeituosas, incertas e passíveis de refutação (343cd). O conhecimento do objeto em si implica que *se passe de um modo de apreensão a outro, incessantemente*, até que o objeto seja “visto” — e isso só é possível se houver *afinidade* entre a alma daquele que busca o objeto e o próprio objeto. Além disso, *o falso e o verdadeiro, têm de ser aprendidos ao mesmo tempo* (343e-344b).

Podemos concluir, assim, que todas essas formas de aproximação (nome, definição, imagem) carregam consigo algo que é estranho ao objeto ele mesmo, ao objeto real. O desenho só pode expressar o objeto mediante participação em outras formas estranhas ao objeto em si mesmo (linhas, pontos, cores etc). O nome representa o objeto através de uma convenção, de um som. Portanto, toda designação é ambígua. O próprio *logos*, a definição, padece do mesmo tipo de

ambigüidade, pois há um entrelaçamento de todo conceito com outros conceitos. Além disso, o objeto real enquanto conhecido pela alma seria algo vislumbrado, graças a uma afinidade, num movimento contínuo, constante.

Com relação a essas características da linguagem levantadas na *Carta VII*, Gadamer (outro famoso defensor de uma tese da primazia da metáfora) diz o seguinte:

Uma inequívoca, precisa coordenação do mundo dos signos com o mundo dos fatos, *i. e., do mundo do qual somos mestres com o mundo que queremos controlar* ordenando-o através de signos, não é linguagem. A base mesmo da linguagem e da fala, aquilo que as torna possível, é a ambigüidade ou 'metáfora' [...] (GADAMER, 1980, p. 111, grifo nosso)

Assim, já no início do pensamento ocidental, podia-se reconhecer também que o que está conforme a letra, foi fixado em seu movimento.

O criador da linguagem desloca e fixa, desloca e fixa, num eterno trabalho de Sísifo... A dicotomia metafórico/literal corresponderia a dois momentos de um mesmo processo: a vertigem imediata de uma apropriação e sua acomodação subsequente. Multiplicando ao infinito as palavras de Leon Battista Alberti a respeito da perspectiva: "Parece-me ter demonstrado suficientemente que, mudada a distância e a posição do raio cêntrico, imediatamente parece alterada a superfície" (ALBERTI, 1989, p. 79).

Contudo, não obstante as convergências entre o que já dizia a *Carta VII* e o que disseram autores como Vico, Nietzsche e mais recentemente outros como Richards (e Beardsley, e Lakoff, e muitos outros), há diferenças de posição que vínhamos propositadamente ignorando: em função dessa ambigüidade da linguagem, do caráter metafórico daquilo que é próprio (mas também, por que não?, do caráter próprio daquilo que é metafórico), pode-se adotar pelo menos duas atitudes. Uma nostalgia diante de algo que teria sido perdido, a qual guiaria a busca incessante por um significado mais primitivo, uma origem fundamental $\frac{3}{4}$ essa *parece* ser a atitude platônica. Um rechaço dos anseios regressivos pela afirmação da própria ambigüidade (por sua vez, como fundamento e origem?) $\frac{3}{4}$ essa *parece* ser a atitude nietzschiana. Contudo, talvez essas atitudes devessem ser ainda entendidas como meras *inclinações* ao longo de um mesmo eixo que as constitui. A questão da primazia da metáfora exigiria um esforço de reflexão que vai além do seu caráter meramente nostálgico ou iconoclasta.

3 ARRISCANDO A CIRCULARIDADE E A AUTO-REFERÊNCIA

No caso de Nietzsche, pelo menos, não cabe esperar que a dicotomia metafórico/literal possa fundar-se e resolver-se na possibilidade de uma apropriação definitiva. Aqui nos defrontamos com um paradoxo do seu pensamento: a dissolução das dicotomias metafísicas (como metafórico/literal, verdade/mentira) não pode ser tomada ela mesma como a proposição de uma nova verdade (uma verdade de nível superior, uma metaverdade) — “não temos sequer o direito de lançar à metafísica ‘um olhar de superioridade’”, advertem François Warin e Philippe Cardinali em seu comentário ao texto nietzschiano (NIETZSCHE, 1997, p. 52). Segundo esses autores, “a segunda consciência”, a consciência de que aquilo que denominamos próprio é resultado também de um deslocamento, “não escapa à estreiteza da perspectiva para se colocar no ponto de vista sem ponto de vista da totalidade” — “como sobre uma faixa de Möbius, todas as divisões clássicas entre dentro e fora, entre verdade e ilusão são como que misturadas e deve-se, sem jamais encontrar repouso, girar e girar novamente de um a outro ponto de vista, arriscando, assim, a auto-referência” (NIETZSCHE, 1997, p. 52-3).⁶

Como aponta Soyland, no sexto capítulo do seu livro *Psychology as Metaphor* (1994), essa questão da auto-referência e da circularidade envolvendo os discursos sobre a metáfora constitui um ponto central em que muito insiste Jacques Derrida — qualquer esforço em torno da definição de metáfora implicaria inevitavelmente outras metáforas: a metáfora estaria menos no texto filosófico que a quer definir do que o texto mesmo na metáfora.

Ao pretender explicar o caráter metafórico da linguagem, anteriormente falamos em ‘deslocar’, ‘fixar’, ‘apropriar’, ‘acomodar’... O termo ‘apropriar’, por exemplo, não estaria sendo transportado de um contexto econômico? E agora mesmo, o que significa o termo ‘transporte’, quando aplicado ao significado de outros termos? O mesmo se poderia dizer das clássicas expressões ‘metáfora viva’,

⁶ “La ‘seconde conscience’ n’échappe pas à l’étroitesse de la perspective pour se placer au point de vue sans point de vue de la totalité [...]. C’est ici comme sur une bande de Möbius ou sur un dessin d’Escher, tous les partage classiques entre dehors et dedans, entre vérité et illusion, sont comme brouillés et il faut, sans jamais trouver le repos, tourner et retourner d’un point de vue à l’autre, ‘comme à l’hippodrome’, en risquant donc l’auto-référentialité”.

‘metáfora morta’. E quando fazemos distinções entre um ‘mundo dos signos’ e um ‘mundo dos fatos’, que sentido atribuímos a essas expressões? Na tentativa de elidir *uma* metafísica através de um conceito de metáfora, acabamos por instaurar outra. Ainda assim, no contexto da citação de Gadamer reproduzida anteriormente, tal distinção entre ‘signos’ e ‘fatos’ aparece enfraquecida, quando seguida da explicação “do mundo do qual somos mestres com o mundo que queremos controlar”: haveria uma passagem garantida entre as duas instâncias, entre os pólos dicotômicos.

Em seu texto, “A retirada (*retrait*) da metáfora”, Derrida (1989) estende algumas metáforas a ponto de transbordar todos os seus limites, acabando com sua oposição frente ao literal. As metáforas “re-traçam”, traçam mais uma vez as coisas a que se referem e dobram-se sobre si mesmas, retirando-se. Retiram-se certamente, pois o resultado dessas operações já não pode ser dito nem metafórico nem literal. Retirar-se quer dizer, aqui, naturalmente, apenas que elas deixam de existir enquanto metáforas, não que as expressões em si mesmas desapareçam.

Pretender que um conceito de metáfora possa regular um processo de revelação das metáforas ocultas num texto, implicaria salvaguardar da “figuratividade” um sentido próprio.⁷ Mas é impossível dominar a metaforicidade de um discurso salvaguardando um conceito (supostamente literal) de metáfora que é produto desse próprio discurso.

O que *quer* dizer “retirada” (*retrait*) aqui? Já não sabemos. Esta metáfora de metáfora vale, como afirma Derrida, enquanto catastrófica e “catastrópica”, ao promover uma reviravolta abusiva dos significados: ênfase e recuo, dobra estendida. O que ela nos indica senão esse caráter prolixo e superabundante da linguagem, impossível de deter? A nostalgia é uma nostalgia ao contrário — desejo de avançar. Ela permanece, portanto, na afirmação da ambigüidade, incorpora-se (inúmeras vezes, de diferentes maneiras) nela.

Derrida denomina essa superabundância também de “traço”, que divide (une e separa) o literal do metafórico. Um traço de uma “arquiescritura” que, ao fazer-se, excede e borra a si mesma. Não pode ser dito nem metafórico e nem literal: quase-coisa e excesso. Nem é nada sem aquilo que dividiu. Uma “encetadura”.

⁷ Ver o comentário de Patricio Peñalver, “Las dos autodestrucciones de la metáfora”, ao texto de Derrida (1989) p. 29.

Da dicotomia metafórico/literal...

Sejamos nós iconoclastas ou defensores de alguma tradição, o que está em jogo quando se questiona 'a' dicotomia metafórico/literal, ou quando se pensa 'a' questão da primazia? Duas inclinações ao longo de um mesmo eixo. A reflexão sobre categorias de avaliação de discursos dá-se na busca de uma origem que paradoxalmente implica na produção incessante de novos sentidos, dizeres concretos.

Referências

- ALBERTI, L. B.. **Da pintura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- ARISTÓTELES. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. V. 4.
- DERRIDA, J. Le retrait de la métaphore. In: _____. **Psyché**. Paris: Galilée, 1998.
- GADAMER, H-G. Dialectic and Sophism in Plato's Seventh Letter. In: _____. **Dialogue and dialectic: Eight Hermeneutical Studies on Plato**. New Haven: Yale University Press, 1980.
- NIETZSCHE, F. **Vérité et mensonge au sens extra-moral**. Babel, 1999.
- PEÑALVER, P. Las dos autodestrucciones de la metáfora. In: DERRIDA **La desconstrucción en las fronteras de la filosofía**. Barcelona: Paidós, 1989.
- PLATÃO. **Obras completas**. Madri: Aguilar, 1990.
- REGNER, A. K. P., ZIR, A. A 'arte dos discursos': explorando as vertentes clássicas. **Revista Patagônica de Filosofia**, Quilmes, v. 1, n. 2, p. 115-147, 2000.
- RICHARDS, I.A. The philosophy of rhetoric: lectureV: metaphor. In: JOHNSON, M. (Ed.). **Philosophical perspectives on metaphor**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981.
- SOYLAND, A. J. **Psychology as metaphor**. London: Sage Publications, 1994.
- VICO, Giambattista. **Opere**. Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi Editore, 1953.

Recebido em 23/05/03. Aprovado em 16/09/03.

Title: On the metaphorical/literal dichotomy: rethinking the issue of primacy

Author: Alessandro Zir

Abstract: In this paper we aim to rethink the metaphorical/literal dichotomy trying, at the same time, to weaken it and to point to the impossibility of it being overcome, at least in certain sense. In order to do so, we consider some important reflections already made along the history of Western thought, giving a particular emphasis to the remarks by Jacques Derrida on that theme. Finally, we assert that the search for a more original or fundamental sense to which language should, ultimately, remit, always implicates, paradoxically, in the production of new senses whose prolixity is not possible to stop. That prolixity, on the other hand, manifests itself only as a proposition of a new beginning $\frac{3}{4}$ a saying that establishes itself concretely.

Key words: metaphor; reference; circularity; sense.

Titre: De la dichotomie métaphorique/littéral: repensant la question de la primauté

Auteur: Alessandro Zir

Résumé: Dans cet article, on a essayé de repenser à la dichotomie métaphorique / littérale, cherchant, en même temps, à la relativiser et signaler l'impossibilité, au moins dans un certain sens, de sa soumission. Pour une telle démarche, on a utilisé quelques réflexions importantes, déjà évoluées, tout au long de l'histoire de l'occident, en faisant remarquer les notions données sur ce sujet par Jacques Derrida. Enfin, on essaiera d'affirmer que la recherche d'un sens plus original ou fondamental auquel le langage devrait, sur les instances, remettre, puisqu'il implique toujours, paradoxalement, dans la production de nouveaux sens, dont la prolixité n'est pas possible d'être retenue. Cette prolixité, en outre, s'exprime seulement quand il s'agit d'une proposition d'un nouveau commencement – d'un dire qui s'instaure concrètement.

Mots-clés: métaphore; référence; circularité; sens.

Título: De la dicotomía metafórico/literal: repensando a la cuestión de la primacía

Autor: Alessandro Zir

Resumen: En este trabajo buscamos repensar la dicotomía metafórico/literal, intentando, en lo mismo tiempo, relativizar-la y señalar a la imposibilidad de su superación, por lo menos en cierto sentido. Para esto, consideramos algunas reflexiones importantes hechas ya a lo largo de la historia del pensamiento occidental, dando especial énfasis a las observaciones aportadas por Jacques Derrida en ese tema. Finalmente, afirmamos que la búsqueda para un sentido más original o más fundamental, a el cual la lengua deba remitir, implica, en última instancia, siempre, paradójicamente, en la producción de nuevos sentidos cuya prolixidad no es posible barrar. Esa prolixidad, por su parte, se manifiesta solamente como proposición de un nuevo principio – de un hablar que se instaure concretamente.

Palabras-clave: metáfora; referencia; circularidad; sentido.
